O ENSINO EM TOMÁS DE AQUINO

THE TEACHING IN THOMAS AQUINAS

Simone de Magalhães Vieira Barcelos
Universidade Estadual de Goiás, UEG, Brasil
vieirabarcelos@hotmail.com

Resumo. O presente artigo tem o propósito de compreender a concepção de ensino em Tomás de Aquino. A obra *De magistro*: sobre o mestre: Questões discutidas sobre a Verdade, XI constitui-se a principal referência de nossa busca. A partir de interrogações sobre a verdade e também sobre o ensino as reflexões desse pensador, mesmo estando separadas temporalmente por quase um milênio e tendo como centralidade Deus e a sistematização da doutrina cristã, conservam em si elementos que nos ajudam a pensar complexidades da existência no mundo moderno. Tomás de Aquino, ao assumir a doutrina aristotélica como base de seu pensamento, pensou o ensino a partir da compreensão da intrínseca relação entre filosofia e teologia e da união intrínseca entre as dimensões espiritual e material e demonstrando como o mestre, através do ensino, inspira o aluno a ir do particular ao universal, da *potência* ao *ato*.

Palavras-chave: mundo moderno; ensino; doutrina aristotélica.

Abstract. This article aims to understand the concept of teaching of Thomas Aquinas. *The magistro* From work: on the master: Issues discussed on the Truth, XI constitutes the main reference for our search. From questions about truth and also about teaching the reflections of this thinker, even though temporarily separated for nearly a millennium and with the centrality of God and the systematization of Christian doctrine, preserve itself elements that help us to think complexities of existence in modern world. Thomas Aquinas, to take the Aristotelian doctrine as the basis of his thinking, thought teaching from the understanding of the intrinsic relationship between philosophy and theology and the intrinsic unity between the spiritual and material dimensions and demonstrating how the master, through education, inspiration the student to go from the particular to the universal, from *potency* to *act*.

Keywords: modern world; education; aristotelian doctrine.

1 INTRODUÇÃO

Nosso propósito neste artigo é compreender o ensino em Tomás de Aquino (1224-1274), partindo da leitura do *De Magistro:sobre o mestre: Questões discutidas sobre a Verdade, XI,*[i] um texto muito bem redigido, em que conceitos fundamentais à nossa busca são tratados de maneira ampla e profunda.

Ele foi um dos maiores pensadores medievalistas. Para compreender sua concepção de ensino consideremos, inicialmente, a doutrina cristã prevalente em seu tempo, bem como os aspectos desta doutrina por ele refutados. Ao buscar o saber e interrogar as questões e controvérsias complexas que causavam tensões no campo teológico[ii]e filosófico da época Tomás de Aquino criou uma filosofia das mais abrangentes e profundas a doutrina teológica mais expressiva na história do Cristianismo e da Igreja Católica.

No *De Magistro* ele explicita sua concepção de ensino e as bases filosóficas e teológicas que a sustenta. O modo como Lauand (2004) mostra a seriedade com que este pensador trabalha com a *quaestio disputata* evidencia, sob vários aspectos, a intrínseca relação entre filosofia e teologia e, como a doutrina tomista foi definitiva para a consolidação e afirmação da autonomia da Teologia em relação a Filosofia. A clareza e objetividade que o autor imprime na análise da Questão de número XI, das *Questões discutidas sobre a Verdade,* revela uma estratégia pedagógica orientada em sua totalidade para o alcance de vários fins, em especial a compreensão de que Deus e, somente Ele, infunde a Verdade Primeira no homem; o homem, dotado da luz divina, apreende a verdade das coisas inferiores/materiais chegando à ciência ou seja, ao domínio dos princípios; todo conhecimento procede de Deus, o fim último desse conhecimento.

2 AS BASES DO PENSAMENTO DE TOMÁS DE AQUINO

Em seu tratado sobre o ensino e sobre o oficio do mestre ele rompe com alguns princípios da tradição teológica de seu tempo, reexaminando em que termos Deus e o homem estão sendo compreendidos no que concerne à sua natureza. Reafirma, segundo Lauand (2004), a tese de que Deus não tem princípio nem fim, não foi criado e que, portanto é um ser imaterial/espiritual, perfeito como a Verdade que dele emana. A condição de criatura implica imperfeição, dependência em relação ao Criador. A natureza humana abarca as dimensões material e espiritual, numa única alma. Deus infunde a luz à razão humana - iluminação única[iii] - de modo tal que o homem possa chegar ao conhecimento da verdade das coisas materiais. A verdade não está no homem da mesma maneira que está em Deus que a tem de modo pleno e absoluto.

Até aqui, vimos que Deus é, e que o homem foi criado. Deus conhece a verdade em sua plenitude - passado, presente, futuro - e Ele mesmo dá ao homem condições para a busca da verdade. Deus ensina sem nunca precisar aprender porque conhecimento para Ele é *ato* e nunca *potência*. O homem, ao contrário, tem sua aprendizagem situada entre *potência* e *ato*, podendo materializá-la de diferentes maneiras e em diversos níveis a partir do ensino divino e também do ensino humano. A figura do mestre e a ação que ele realiza - o ensino - é compreendida como o estímulo que, bem encaminhado, dá condições para que a potência *conhecer* seja ato *conhecido*.

Segundo Laund (2004) e De Boni (2010), a antropologia filosófica assumida por Tomás de Aquino tem como principal referência a filosofia aristotélica. De Boni, afirma que o sistema filosófico de Aristóteles (384/383-322 a.C.) era visto com expressiva reserva pelos pensadores do clero medieval que tinham como referência o sistema filosófico de Platão (427-347 a. C). A aproximação entre a doutrina cristã e o sistema platônico foi possível porque esta corrente filosófica assumia a tese da supremacia espiritual sobre a dimensão material não oferecendo riscos ao pensamento cristão.

Ao assumir a obra de Aristóteles como fundamento dessa recondução busca identificar nessa doutrina elementos capazes de sustentar teoricamente seu propósito de estabelecer o equilíbrio entre as realidades espiritual e material na natureza humana, afastando-se assim da que defendia a supremacia do espírito sobre a matéria. Aristóteles - o Filósofo[iv] - assumiu a união intrínseca das dimensões espiritual e material o que também se tornou um dos principais fundamentos da filosofia e da teologia de Tomás de Aquino. O reconhecimento da união intrínseca entre espírito e matéria, posição de Aristóteles assumida por Tomás de Aquino, leva à interdependência entre espírito e matéria e a outra concepção da atividade cognitiva. O pensamento aristotélico oferecia riscos à

doutrina cristã[v] porque poderia abrir margem a heresias que abalariam a fé cristã, mas mesmo assim Tomás de Aquino manteve a incorporação deste à sua doutrina teológica.

> a filosofia aristotélica ignorava totalmente as noções de Deus criador e providente, bem como as de alma imortal, queda e redenção do homem, todos fundamentais à doutrina cristã (STRATHERN, 1988, p.45).

De Boni declara que a obra de Aristóteles acima de tudo, "(...) um vulcão a fervilhar de idéias novas; de muitas perguntas procurando por respostas que nem sempre eram encontradas; de sistematização repensada daquilo que os predecessores lhe havia legado" (DE BONI. 2010, p. 13). Aristóteles dedicou-se a vários campos do saber além de ter refutado alguns aspectos do sistema de seu mestre Platão criando, a partir da análise rigorosa, um sistema filosófico insuperável quase que em sua totalidade. O Concílio de Paris, em 1211, chegou a proibir a leitura e o ensino da Física de Aristóteles, mas sem muito sucesso. O Papa Gregório IX autorizou a leitura e o ensino desde que ficasse fora afirmações que atacavam diretamente os dogmas da Igreja. É a partir dessas afirmações que se deve entender o que alguns estudiosos denominam de cristianização do sistema aristotélico, feito fundamentalmente por Tomás de Aquino ao interpretar a distinção aristotélica entre essência e existência (que é puramente conceitual, lógica) como ontológica, real. Essa alteração na base do sistema aristotélico não afetou de modo algum sua estrutura racional, analítica, mas serviu plenamente ao interesse da doutrina tomista.

A doutrina aristotélica reconhece que espírito e matéria são realidades constitutivas da natureza humana que se articulam entre si em busca do conhecimento. Tomás de Aquino assumiu essa verdade em sua plenitude e, foi a partir da apreensão dessa formulação aristotélica que a doutrina tomista se estruturou tornando-se uma resposta bem elaborada às antigas tensões enfrentadas por seus antecessores no que se refere à relação espírito e matéria. Lauand assevera que a alma para Tomás de Aquino é "a forma substancial do vivente", não uma forma qualquer, "(...) pela alma que se constitui e se integra o vivente enquanto tal, e ela é também a fonte primeira de seu agir, de suas operações" (Lauand, 2004, p. 12).

O processo de apreensão da verdade se dá na relação entre espírito e matéria, e, pelas potências operativas da alma - na realização decorrente da articulação de sua tripla constituição: vegetativa, sensitiva e espiritual - de maneira que o homem seja capaz de, partindo do particular, do conhecimento sensível, alcançar o universal, o que está na dimensão dos conceitos e dos princípios que constitui a ciência. A abstração própria da inteligência humana. "(...) É precisamente essa abertura para a totalidade do real é o que se chama de espírito. Espírito é a capacidade de travar relações com a totalidade do real" (LAUAND, 2004, p.16).

Pensar em totalidade é pensar em abstrações: "(...) é pelas naturezas das coisas sensíveis que se eleva a um certo conhecimento das realidades invisíveis"; "(...) para que o intelecto conheça em ato seu objeto próprio, é preciso que se volte para as representações imaginárias a fim de considerar a natureza universal existente no particular" (AQUINO, 2005, p.107). A partir dos dados do conhecimento sensível o intelecto realiza suas potencialidades.

Com o intuito de defender a tese da união intrínseca entre espírito e matéria, Tomás de Aquino argumenta em tom conclusivo: "(...) é claro que o homem não é só alma, mas é algo composto de alma e corpo" (AQUINO, 2005, p.355). Aristóteles é o caminho seguro pelo qual Tomás de Aquino trilhou em sua filosofia. Embora Deus seja causa primeira não age sozinho no que concerne às coisas sensíveis e espirituais, mas por meio das criaturas, que são as causas próximas. Essa compreensão de Tomás de Aquino, própria de um cristianismo que busca o equilíbrio entre as dimensões espiritual e material, difere substancialmente da doutrina agostiniana para a qual Deus agia sempre sozinho, em nada dependendo da criatura. Sua objeção fundamental a doutrina prevalente dizia respeito à ênfase exagerada na espiritualidade, na ação de Deus que corresponde à quase nulidade da ação do homem sobre a realidade. Questionou e refutou verdades tidas como inquestionáveis no conjunto da doutrina cristã, muitas com sólidos argumentos filosóficos , a partir da obra do Filósofo. A atitude filosófica de Tomás de Aquino está à altura das reflexões de seus predecessores, principalmente as de seu mestre Alberto Magno, grande mestre que, certamente nutriu muitas das reflexões realizadas pelo discípulo brilhante.

Recorrer ao pensamento pagão foi um risco que a Igreja primitiva assumiu para levar à cabo o intento de explicação sistematizada da doutrina cristã. É óbvio que não podemos ignorar, como nos

alerta Lauand (2004), e De Boni (2010), que esta *adesão* ao pensamento pagão - principalmente os sistemas filosóficos de Platão e Aristóteles - não ocorreu de maneira irrefletida e ingênua. Os pesquisadores nos dão elementos suficientes que indicam um refinado trabalho intelectual no sentido de extrair dos sistemas filosóficos formulações que, de algum modo coadunassem com os princípios do Cristianismo. De Boni é mais enfático ao afirmar que é correto entender que houve um espécie de cristianização do pensamento de Aristóteles a fim de que suas verdades pudessem ser tomadas como argumentos racionais às verdades do Cristianismo.

É neste contexto que Tomás de Aquino elabora o texto Questões discutidas sobre a Verdade e, entre tais questões está o *De Magistro*: sobre o mestre, texto em que discute profundamente a questão do ensino avançando para além das formulações apresentadas até então. Camello (2000) introdução define-a como um tratado, que, como escritos de Santo Agostinho, tinha como propósito "(...) a constituição de uma *paidéia* que substituísse ou subsumisse, transformando-a, a *paidéia* grega, clássica e helenística. Para ele, a história da educação cristã primitiva foi construída por grandes pensadores como Clemente de Alexandria (140/150-215), Orígenes (185-253), que se destacam por "(...) assimilar a cultura grega, (...) propor a cristã, que tinha, segundo eles, todo o direito de se apropriar de valores, métodos e conceitos que, de algum modo, o Verbo Divino havia revelado aos pagãos"(CAMELLO, 2000, p. 6-7).

Com efeito no rico e extenso pensamento cristão Tomás de Aquino discutiu sobretudo Santo Agostinho, maior autor da patrística ocidental, em especial

> o conceito de essência, o processo e a fonte de sua aquisição, o papel do docente como colaborador do Verbo iluminador, as possibilidades de auto-ensino, e, (...) a possível intervenção pedagógica do anjo, como inteligência intermédia entre a divina e a humana. Sobre tudo isso, é Agostinho que dá a Tomás de Aquino a questão: pode alguém, propriamente, ensinar a alguém a verdade? Se não pode, por que alguns se apresentam como 'mestres' e outros como 'discípulos'? Se pode, que relação haverá entre o sinal - a linguagem de quem ensina - e a verdade 'ensinada' que habita a alma? Que tarefas desempenha a linguagem para que a mente possa pronunciar seu *'verbum'* próprio, como resposta adequada da escuta à palavra insondável que ressoa dentre de nós, proferida por Deus? (CAMELLO, 2000, p.7).

Essas questões dão-nos ideia da complexidade do trabalho intelectual de Tomás de Aquino e, mais que isto, como suas reflexões mesmo estando separadas temporalmente por quase um milênio e tendo como centralidade Deus de um modo geral e a sistematização da doutrina cristã em particular, conservam em si elementos que nos ajudam a pensar complexidades da existência no mundo moderno. A discussão sobre o ensino e o mestre, como tantas outras, emana da investigação rigorosa sobre a Verdade, o que nos permite ver que o pensamento e as conclusões sobre o ensino estão fundamentadas em pressupostos e princípios defendidos sobre a Verdade, sobre Deus:

> a verdade é um dos nomes mais belos e próprios da Deidade[vi], e ensiná-la é epifanizar Deus de algum modo. Qualquer pedagogia é sempre, em Agostinho ou Tomás, pedagogia de Deus, não só quanto ao que se ensina, mas, sobretudo, na trans-formação do discente (e do docente) na Verdade que assiste e passa pelo ensino. Essa é uma perspectiva hermenêutica geral, que nos parece indispensável para a leitura desses autores (CAMELLO, 2000, p.7-8).

Passemos ao exercício de busca e de apreensão da concepção de ensino em Tomás de Aquino a partir da análise da questão XI, no *De Magistro*.

No Art. I: "*Se o homem pode ensinar e ser dito mestre ou se somente Deus*", o autor acolhe dezoito objeções demonstrando atitude de respeito às posições contrárias às suas. Logo de início ele afirma que "verdadeiramente pode-se dizer que o homem é verdadeiro mestre, e ensinando a verdade e iluminando a mente, não infunde a luz à razão, mas ajudando a luz da razão para a perfeição da ciência, através daquelas coisas que propõe exteriormente" (AQUINO, 2000, p.60). O reconhecimento de que o homem pode ensinar é perpassado pela preocupação e pelo cuidado em reafirmar que somente Deus infunde à luz a razão humana cabendo, portanto, ao homem desenvolver sua capacidade criada por Deus:

> A ciência, pois preexiste no que aprende em potência não apenas passiva, mas ativa; (...)
> O processo, porém, da razão que chega ao conhecimento do desconhecido ao inventar, dá-se porque aplica os princípios comuns por si mesmos conhecidos a determinadas matérias, e daí caminha para determinadas conclusões, e dessas a outras; donde, segundo isso, se diz que alguém ensina a outrem (...)
> (...) o homem causa a ciência em outro, pela operação da razão natural desse: e isso é ensinar. Daí se diz que um homem ensina a outro e é mestre desse.
> Em nós o conhecimento das coisas (...) se faz (...) pelo conhecimento de algumas coisas mais certas, ou seja, dos princípios que nos são propostos por meio de alguns sinais, (...)
> Dos sinais sensíveis que são recebidos na potência sensitiva recebe o intelecto as intenções inteligíveis, das quais usa para produzir em si mesmo a ciência.
> (...) O que ensina propõe, com efeito, os sinais das coisas inteligíveis, das quais o intelecto agente recebe as intenções inteligíveis, e as representa ao intelecto possível.
> A certeza da ciência nasce toda da certeza dos princípios: então as conclusões são sabidas por certeza quando se resolvem nos princípios. (...)
> (...) a ciência é, de certo modo, causada em nós pelo homem (...) (AQUINO, 2000, p. 60-61).

Tomás de Aquino parece reafirmar sua posição contrária à de Agostinho no que se refere a ação de Deus na iluminação da mente humana, deixando claro que a iluminação é um evento único em todo os homens e não algo ordinário como defendia a doutrina agostiniana. Desse modo, "Interrogado antes da elocução do mestre, o discípulo responderia certamente sobre os princípios através dos quais é ensinado; não, porém, sobre as conclusões que alguém lhe ensina: donde não aprende os princípio do mestre, mas só as conclusões" (AQUINO, 2000, p.62).

O debate sobre a questão *se o homem pode ensinar e ser dito mestre ou se somente Deus* trás em si uma verdade inquestionável do ponto de vista do debatedor: Deus ensina. Os argumentos buscam demonstrar a possibilidade de ensino com a participação do homem, sem contudo problematizar a tese que será defendia pelo debatedor. O fio condutor da reflexão tomista é a teoria aristotélica da *potência* e do *ato*: é "Não se diz que quem ensina transfunde a ciência no discípulo, como se aquela mesma ciência em número que está no mestre, se faz no discípulo, mas porque, pelo ensinamento, se faz no discípulo a ciência semelhante à que está no mestre, levada da potência ao ato" (AQUINO, 2000, p. 59).

A sentença *Deus ensina*, dá à Tomás de Aquino a possibilidade de considerar alguns elementos indispensáveis ao debate empreendido. Sendo Deus a Verdade, um Ser incriado que tudo sabe por si mesmo e infunde no homem o *lume* da razão, dotando-o da condição de apreender a verdade das coisas - inclusive verdades de Deus a partir do que lhe fora revelado pelo próprio Deus -, Deus, na condição de mestre original, ensina de um modo singular pela via da transcendência e a totalidade desse ato escapa, quase que por completo à racionalidade humana. Se Deus ensina, a sentença *o homem aprende* é verdadeira. Se o homem aprende, pode por seu turno também ensinar, iluminar alguém na busca do saber. O homem pode ser dito mestre.

Não ensina como Deus, mas fazendo com que o outro reconheça em si a possibilidade de aprender o que não sabe, ou que sabe de modo superficial. O ato de ensinar realizado pelo mestre corresponde ao exercício intelectual que estimula a materialização da potência intelectiva no estudante elevando-a a condição de *ato*. Para Aristóteles e Tomás de Aquino, o que no estudante é *potência* transforma-se em *ato* pelo ensino. Somos, pois estudantes em *ato* e sábios em *potência*. Isto ocorre porque o saber não é um *lugar* que se possa chegar por definitivo, pelo contrário, é aquilo pelo qual buscamos sem nunca alcançá-lo em sua plenitude.

Os argumentos apresentados no Artigo I evidenciam a beleza e a complexidade do ensinar e do conhecer. Quem ensina, o faz porque experimentou a busca da verdade, àquela que se alcança quando se é capaz de apreender os princípios e alcançar as conclusões. O mestre não ensina necessariamente ao estudante aquilo que sabe do modo como sabe, mas o saber do mestre tem a força de inspirar no estudante o desejo de saber aquilo que seu mestre sabe. As conclusões do mestre são sempre ponto de partida e fonte de inspiração do estudante. De fato, as conclusões proferidas pelo mestre são uma espécie de sinais indicando que ele chegou às conclusões que chegou pela via da

dedicação e muito trabalho e que se desejamos de fato conhecer os princípios de tais conclusões teremos que assumir esta exigência que é própria de quem busca o saber.

A busca do saber - a apreensão dos princípios, dos conceitos e o conhecimento da verdade sobre as coisas - é ação que se realiza somente por aquele que busca conhecer. O ensino pressupõe a participação do mestre "ajudando o lume da razão para a perfeição da ciência, por meio daquelas coisas que propõe exteriormente." Este processo, segundo Camello (2000), se caracteriza pela apresentação de sinais, mas não se encerra nessa apresentação porque é um exercício que exige a participação efetiva tanto daquele que ensina quanto daquele que aprende. A apresentação de sinais é necessária, mas não suficiente no ato de ensinar. Em Tomás de Aquino ensinar é iluminar; mediação de sinais; ação e contemplação, é tarefa que se realiza na dimensão da intimidade do espírito humano: "e assim a razão natural do discípulo através daquelas coisas a si propostas, como através de instrumentos, chega ao conhecimento do desconhecido" (AQUINO, 2000, p.57). Os sinais apresentados pelo mestre são, pois, a condição primeira para que o estudante conheça.

O estudante, partindo dos sinais, tem condições de passar da potência ao ato no que diz respeito ao conhecimento. O mover-se, em busca do saber, sem dúvida, eleva o homem e torna-o melhor em relação à sua condição e este processo é dinâmico sendo interrompido somente pela morte. O conhecimento dos princípios, eixo fundamental da ciência - se alcança somente pelo estudo.

Embora afirmamos que o pensamento de Tomás de Aquino traz em si uma tônica dogmática, não podemos deixar de reconhecer que para ele, o ensino não é mera transmissão, na verdade, seus argumentos sinalizam para o fato de que só aprende quem compreende e essa capacidade da potência intelectiva não se realiza na perspectiva da mera transmissão do saber. Para ele, o mestre é causa própria (*per si*) da aprendizagem *exterius docens* mas o intelecto é causa mais principal *principalior* interna. As figuras do mestre e do estudante não existem, nem podem ser pensados isoladamente, o que supõe outra compreensão da natureza do trabalho docente e das determinações que lhe são constitutivas.

À medida que avançamos na leitura do De Magistro, vamos pouco a pouco compreendendo que a eloquência do debate é, sobretudo, uma decorrência do exercício de reflexão que Tomás de Aquino empreende sobre sua condição de mestre, sobre o que ele faz no campo do ensino e da aprendizagem. Ao passar do "particular" ao "universal" no que se refere ao ato de ensinar., a reflexão diz respeito ao outro, mas também ao mestre que a desenvolve, pois "(...) é necessário que aquele que ensina ou é mestre tenha a ciência que causa no outro, explícita e perfeitamente, como naquele que aprende por meio do ensinamento"(AQUINO, 2000, p.65). Os argumentos apresentados são, de algum modo, materializados no conjunto de elementos que constituem o *De Magistro*.

Tomás de Aquino afirma que o estudante é responsável pelo desenvolvimento de sua inteligência, confirmando a importância do trabalho intelectual do estudante, na relação de busca do saber. A materialização da *potência* ao *ato* é realizada pelo estudante e não pelo mestre. O ensino é um ofício superior "(...) porém, implica a perfeita ação da ciência no docente ou mestre; daí convém que aquele que ensina ou é mestre tenha a ciência que causa no outro" (AQUINO, 2000, p.65).

Se a ação do mestre pressupõe o domínio dos princípios e um método que auxilie o estudante na busca do saber, ninguém pode ser mestre de si mesmo. Embora não desconsidere o autodidatismo, esclarece que essa prática não equivale ao que se realiza no processo de ensino, em que mestre e estudante são partes constitutivas de um único processo, num movimento espiritual/intelectivo na busca do saber. O centro desse processo é o saber que se deseja ensinar e conhecer respectivamente, e o conhecimento perfeito é tão somente conhecer bem, com profundidade. Embora o estudante seja responsável pela sua inteligência, pelo processo de busca do saber, não significa que ele seja mestre de si mesmo porque todo e qualquer processo de realização da potência em ato é motivado por sinais externos.

A ação inspiradora do mestre no estudante é uma experiência marcante, inesquecível. Não seria exagero afirmar que é algo sublime que pode ocorrer em qualquer nível da formação. Cada um de nós somos fruto de uma determinada inspiração, ou quem sabe de múltiplas inspirações. A condição de estudante, por mais precária ou frágil que seja, permite que ele reconheça o verdadeiro mestre e, embora muitos não consigam ir em busca dos princípios enunciados nas conclusões do mestre, reconhecem que a inteligência do mestre, por assim dizer, expressa conhecimento íntimo das coisas que enuncia por que ele as lê por dentro de modo a penetrar a essência de todas elas.

Ensinar é uma espécie de legado, uma aposta na inteligência da humanidade em geral e dos estudantes em particular. Tomás de Aquino argumenta que o ato de ensinar é constituído por duas dimensões: a ativa e a contemplativa. A ação do mestre sobre o estudante não causa a verdade, pois

esta está nas coisas, "(...) mas causa o conhecimento da verdade" e por isso a verdade que se deseja ensinar deve ser de antemão conhecida pelo mestre (AQUINO, 2000, p. 72). A autoridade do mestre consiste em fazer o estudante crescer, a se encantar com os textos, com os autores, apreendendo o sentido de tudo que aprende, não se contentando com a mera aplicação como se entende na modernidade. O ato de ensinar é, portanto, tarefa que se realiza na junção da vida ativa e da vida contemplativa.

Logo no início do *RESPONDO*, encontramos a afirmação de que "(...) o fim da vida ativa é a operação pela qual se procura a utilidade dos próximos" e que "no ato de ensinar, encontramos dúplice matéria, para cujo sinal também o ato de ensinar se une com duplo acusativo (...). É assim *una* sua matéria a própria coisa que se ensina; outra aquele ao qual se transmite a ciência. Pela razão da primeira matéria, o ato de ensinar pertence á vida *contemplativa,* mas pela razão da segunda, pertence à *ativa*." Camello (2000), assevera que "ensinar é uma práxis, mas uma práxis cujo princípio é a própria vida contemplativa. Essa, com efeito, é a visão das coisas - cuja ciência é passada pelo ensino." (CAMELLO, 2000, P.76). Essa compreensão baseia-se no argumento que afirma que "a vida contemplativa é princípio do ensino, assim como o calor não é o aquecimento mesmo, mas princípio do aquecimento, enquanto o dirige; assim também, em troca, a vida ativa dispõe à contemplativa." (AQUINO, 2000, p 72).

Na Ética a Nicômaco, Livro X, Aristóteles denomina o trabalho intelectual como contemplação, considerando que o Filósofo é uma das principais referências teóricas da doutrina tomista, recorrer a sua obra nos auxilia a compreender mais claramente a densidade da locução que sustenta as formulação de Tomás de Aquino. Segundo Aristóteles, quando se trata das realidades mais nobres, ou seja, das coisas imortais e divinas, das coisas superiores, ou ainda, da contemplação da verdade incriada, é necessário reconhecer que:

> a felicidade é uma atividade de acordo com a excelência, é compreensível que terá de ser de acordo com a mais poderosa das excelências, a excelência da melhor parte do Humano. Seja a melhor parte do Humano o poder de compreensão ou qualquer outra coisa que pareça, por natureza, comandar-nos, conduzir-nos ou dar-nos uma compreensão intrínseca do que é belo e divino - seja isso mesmo divino em si, ou a mais divina das possibilidades que existem em nós -, a atividade desta dimensão será de acordo com a excelência que lhe pertence. Tal será a felicidade na sua completude máxima. Uma tal atividade é, como dissemos, contemplativa. (...) É que esta atividade é ela própria a mais poderosa que existe (porque o poder de compreensão intuitiva é o que de mais poderoso existe em nós, e os objetos mais excelentes que podem ser conhecidos são aqueles a que o poder de compreensão intuitiva acede) e é também a mais contínua de todas, porquanto nós somos capazes de nos demorarmos mais no olhar contemplativo do que qualquer outra ação.
>
> (...) Assim, quanto maior for a profundidade da contemplação, mais intensa será a felicidade. Aqueles em quem existir maior capacidade de contemplação tanto mais felizes serão, e não de uma forma acidental, mas pela própria natureza constitutiva da situação contemplativa. A situação contemplativa tem em si a sua própria dignidade. É por isso que a felicidade é uma certa forma de contemplação.
>
> (...) Também acerca da excelência não se dá o caso de bastar conhecê-la, mas tem de se tentar possuí-la e aplicá-la, ou de qualquer outro modo tornarmo-nos pessoas de bem (ARISTÓTELES, 2009, p.235-237).

A vida contemplativa em Aristóteles é considerada um ato de excelência da realização humana, um ato da vontade humana que tem como fim a apreensão da verdade das coisas. A contemplação é indissociável da compreensão da verdade das coisas eternas e se materializa plenamente se admitirmos sua base aplicativa na busca da realização do bem.

Para Tomás de Aquino contemplação é algo que decorre da meditação, que se realiza no homem. Seu fim em Tomás de Aquino se distancia da perspectiva aristotélica pois sugere uma vinculação estrita com a doutrina cristã, o que reduz em muito o sentido de contemplação pensado por Aristóteles. Segundo Tomás de Aquino, "deve-se dizer que a essa mesma visão do primeiro princípio, isto é, de Deus, incita o amor por Ele" e que, "a vida contemplativa tem o seu motivo na vontade e, segundo esse aspecto, ela supõe o amor de Deus e do próximo" podendo acontecer de dois modos:

"mediante o que recebe de Deus, como está no livro da Sabedoria: "Invoquei o Senhor e veio a mim o espírito da sabedoria" e mediante o que recebe dos homens pelos sentidos e "aplicando seu próprio esforço. E, nesse caso, é necessária a 'meditação'". Ele ainda afirma que, "o elemento principal da vida contemplativa é a contemplação da Verdade divina, posto que este é o fim da vida humana"(AQUINO, 2005, p.583-584).

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A vinculação direta do conhecimento como eixo central do pensamento teológico medieval suscitou nos pensadores pagãos a necessidade de enfrentamento de um dos mais complexos problemas filosóficos de todos os tempos: como o conhecimento se dá. Descartes (1983)[vii], afirmou que a razão é uma faculdade constitutiva do homem e isso implica concluir que a razão não é um dom divino. De certo modo, podemos considerar que ele retoma a universalidade da razão - enquanto faculdade humana -, presente na Filosofia Clássica da Grécia Antiga. Toma a ciência como primeira forma de razão e com ela vai trabalhar e não com a religião. É nesse embate teórico de cunho filosófico-teológico que Descartes cria um método livre de dogmas, mitos e supertições. O método deve se aplicar a todos os objetos, inclusive à própria razão. Trata-se portanto, de um pensamento que rompe com a tradição cristã vigente e propõe a retomada da razão como elemento fundamental e indispensável no processo de apreensão da realidade.

Embora Tomás de Aquino tenha sido um dos expoentes do pensamento medieval, não está isento de equívocos e de limites originados na base da sistematização da doutrina cristã. O esforço filosófico-teológico dispensado por ele, tem Deus - o conhecimento e a aplicação de sua verdade pela via da obediência - como horizonte possível e necessário ao homem. Tudo inicia e se encerra em Deus. O conhecimento e a prática da doutrina cristã se empenhou para formular de modo sistemático sob a ação das controvérsias em torno do Cristianismo durante a Idade Média visava primeiramente sua estruturação e expansão, o pensamento de Tomás de Aquino pressupunha, acima de tudo, obediência a uma verdade formulada nos limites da compreensão humana, o que torna o tomismo uma doutrina distinta da aristotélica.

No nosso entendimento, embora o debate no *De Magistro* seja frutífero e explicite determinações constitutivas do ato de ensinar, ele revela-se frágil e problemático à medida que compreendemos que o ensino em Tomás de Aquino parece circunscrever-se à obediência aos princípios da doutrina cristã a qual ele advoga. Nesse sentido, interessa lembrar que o ato de obedecer, em grande parte, pressupõe a supressão da dúvida, do questionamento, da busca da verdade sobre as coisas. Se esta for uma interpretação coerente, é possível inferir que o cerne de seu pensamento está na direção oposta ao que propõe o sistema filosófico formulado por Aristóteles para quem a razão e a investigação sempre foram dimensões centrais, mas esta inferência não é conclusiva.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica. II- II Parte - questões:75-189**. Vários tradutores. Edições Loyola, São Paulo, 2005.

_____. **De Magistro: sobre o mestre: questões discutidas sobre a Verdade, IX**. Tradução de Maurílio J. O. Camello. UNISAL, São Paulo, 2000.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Aristóteles: Tradução do grego de Antônio de Castro Caeiro, São Paulo: Atlas, 2009.

DE BONI, L. A. **A entrada de Aristóteles no ocidente medieval**. Porto Alegre: EST Edições: Editora Ulysses, 2010.

DESCARTES, R. **O discurso do método**. IN: DESCARTES, São Paulo, Abril Cultural, 1983, Os pensadores.

OS Pensadores. **Seleção de Textos**. Abril S. A. Cultural e industria, São Paulo, 1973.

PLATÃO. **Teeteto**. Trad. Adriana M. Nogueira e Marcelo Boerj. Fundação Calquste Gulbenkian,1998.

STRATHERN, Paul. . **Seleção de Textos.** Abril S. A. Cultural e industria, São Paulo, 1998.

MINI BIOGRAFIA



Simone de Magalhães Vieira Barcelos (vieirabarcelos@hotmail.com)

Simone de Magalhães Vieira Barcelos. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação da UFG/FE. Professora efetiva na Universidade Estadual de Goiás.

Link para currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/5660019869571102

---

[i] Utilizamos as traduções *De Magistro*, de autoria de Luiz Jean Lauand (2004) e Maurílio J. O. Camello (2000), as quais foram decisivas para avançarmos na compreensão da concepção de ensino em Tomás de Aquino.
[ii] As principais preocupações dos filósofos medievais giravam entorno da busca de argumentos racionais que fossem capaz de sustentar as "verdades" do Cristianismo e do Islamismo, como por exemplo: a existência de Deus; a imortalidade da alma e a relação espírito e matéria
[iii] Tomás de Aquino refuta a tese de Agostinho de que a iluminação é contínua.
[iv] Na *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, encontra-se a seguinte afirmação sobre Aristóteles: "Alçando os olhos, de respeito entrado, Em saber, de Filósofos cerrado. Todos com honra e acatamento o estimam. Aqui Platão e Sócrates estavam, que na grandeza mais se lhe aproximam." (Hilighieri, Dante. Divina Comédia, Canto IV, 130-135).

[vi] Deidade: Em geral, a essência ou natureza divina; e esse é o sentido encontrado em Santo Agostinho (...) e São Tomás de Aquino (S. Th., I, q.39).
[vii] Na verdade, não devemos tomar isoladamente o pensamento de Descartes como uma contraposição ao domínio da religião acerca do conhecimento, antes, é fundamental compreendermos que estava em curso o Projeto filosófico Iluminista do qual, Descartes é dos mais expressivos representantes.